

## MITO E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES

Robson P. Gonçalves\*

Para Enio Moraes Dutra, in memoriam

*Florestas deitam-se  
Riachos arrojam-se  
Rochedos duram  
Chuva desliza.*

*Planícies esperam  
Fontes jorram  
Ventos permanecem.  
Fecundidade medita.*

*Martin Heidegger*

Antes de mais nada, uma reflexão sobre os encadeamentos entre arte (mito e literatura) e psicanálise nos leva a entender que se trata de uma relação de analogia de procedimentos de análise de linguagem. Analogia, porquanto as três instâncias que percorrem o discurso literário/mítico são as mesmas que fecundam o saber psicanalítico: o imaginário, o simbólico e o real. Dessa forma, a psicanálise não deve ser caracterizada como uma forma de analisar o texto e o autor e, tampouco, de ver a psicanálise como uma lógica da criação literária. Também não se trata de caracterizar o saber psicanalítico como uma coisa prévia ao texto literário. Não se trata, então, de fazer uma psicanálise da literatura, mas sim de perceber os procedimentos análogos que tanto literatura e psicanálise utilizam para dimensionarem a relação do sujeito e a linguagem. Freud não acreditava numa teoria psicanalítica da arte, pois pensava que a literatura importava muito mais para o saber psicanalítico do que o contrário.

A aproximação entre mito (literatura) e psicanálise se dá pela análise do discurso em seus três universos. O "sentido" (pelo fugidio do sentido das coisas) é para a psicanálise da ordem do imaginário. Trata-se de ver este sentido, na medida em que possamos localizar o lugar do objeto, como a confluência das três instâncias do discurso: seria o entrelaçamento, como no nó borromeano, do simbólico, do imaginário e do real. O sentido se revestiria como um sintoma – este sintoma é a metáfora do

---

\* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria.

sentido, pois a linguagem se estrutura como sintoma. Por isso se diz que a "metáfora paterna" instaura a linguagem, como na *Teogonia* de Hesíodo, em que se tem este ato de instalação sintomática. Tanto o mito como a psicanálise remetem esta questão para a instância formadora do discurso, a outra cena – inconsciente. O inconsciente se estrutura na dimensão humana pelo sintoma. Que sintoma é o mito? A estrutura do mito, seu sintoma, é a linguagem: o mito é a "metáfora da cultura".

Para Lévi-Strauss<sup>1</sup>, o mito se estabelece como uma estrutura, um sistema – sendo cada sistema atualizado e sedimentado por um código. Este código, quando traduzido/decifrado remete seu nível de significação a outro sistema. Por isso, as fabulações míticas são parte de categorias inconscientes e, concordando com a tese lacaniana<sup>2</sup>, possuem uma racionalidade imanente e são estruturadas analogicamente como um sistema fonológico. Assim, se a fonologia obedece a uma estrutura inconsciente, o mito na sua atualização lingüística também obedeceria a esta leis, muito embora a sua conscientização não se revele tão clara quando da postulação discursiva.

A psicanálise, ao estender seu domínio no campo da linguagem, vai procurar a origem do discurso na cultura, numa busca de unidade psicológica. Freud<sup>3</sup> vê o mito de Édipo como o núcleo original na história, na função de um sintoma original – o assassinato do pai, na hipótese da "horda primitiva" quando da luta entre os filhos e o pai pela posse das mulheres. O que deriva daí, segundo Rosaria Micela, é que

*o sentimento de culpa (...), juntamente com as sanções e as regras internas ao grupo, relativas à circulação das mulheres, seriam os elementos constitutivos dos dois pilares do pacto social originário, o totemismo e a exogamia: fatores que, sancionando a aliança entre irmãos, assinalariam o surgimento da civilização e da sociedade humana.*<sup>4</sup>

O evento do assassinato do pai é um dos elementos centrais no mito hesiódico: na *Teogonia*, versos 160 a 185, Cronos, em conluio com a mãe Terra, decepa os genitais do pai e os arremessa ao acaso.

---

<sup>1</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

<sup>2</sup> Trata-se da tese lacaniana que diz que "o inconsciente se estrutura como uma linguagem" e que pode ser constatada, principalmente, em LACAN, Jacques. *Escritos*. México: Siglo Veintiuno, 4ª ed., 1978.

<sup>3</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu* - Vol. XIII *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

<sup>4</sup> MICELA, Rosaria. *Antropologia e Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 13.

Definido como o estatuto "universal da humanidade, evento mítico, núcleo psico-afetivo primário, o Édipo é para a psicanálise a base propulsora da evolução humana".<sup>5</sup> O proibido, a grande interdição, quaisquer que sejam as nomenclaturas, se torna universal e é uma analogia à universalidade da linguagem. O correlativo dialético a este *não*, a esta proibição, é o *sim* que fundamenta pela linguagem o homem e constitui a sociedade e o processo histórico. Tanto para a antropologia estrutural como para a psicanálise esta operação inconsciente que gera o mito e a linguagem traduzem o enigma universal – o lugar do sentido primordial – aquilo que Lacan vai chamar de espaço do Outro, o real, que sempre estará onde o eu não está, portanto impossibilitado de ser simbolizado.

A obra freudiana, principalmente os textos *Delírios e sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1910), *Uma recordação de influência de Leonardo da Vinci* (1910), *O Moisés de Michelângelo* (1913), reportam ao fato de que arte, literatura, folclore, moral, mitos, fábulas etc., seriam explicados com base em mecanismos que traduziriam o inconsciente:

*subjacentes a tais formações culturais, estariam processos metapsicológicos comuns tanto ao indivíduo como à comunidade, determinados no terreno exclusivo dos fatos pulsionais e ligados às manifestações da sexualidade e dos desejos edipianos.*<sup>6</sup>

Segundo Micela<sup>7</sup>, essas afirmações estariam calcadas em dois postulados básicos: a) o enraizamento das formas da "alta" cultura no dinamismo inconsciente do universo edipiano enquanto formações de defesa contra ele e b) a analogia estrutural entre produções poéticas, folclóricas, míticas etc, por um lado e, por outro, o simbolismo onírico.

O complexo de Édipo em Freud<sup>8</sup> pode ser constituído a nível estrutural, a partir de três profantasias que delimitam o seu campo de ação. A fantasia ou "fantasma" é o resultado da "mise-en-scène" do enigma, o qual diz respeito à própria estrutura do sujeito – cuja resposta é a fantasia. Teríamos então:

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>8</sup> FREUD, S. Apud GODINO CABAS, Antonio. *Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes, 1982.

1) a profantasia da cena primária (ou original), cujo enigma subjacente é que todo homem é resultado do encontro entre um homem e uma mulher. A função desta relação é a "origem do homem" (dilema da identificação);

2) a profantasia de sedução (erogênização do corpo), cujo enigma (função da mãe) é o de que "estar vivo" está ligado a um quantum libidinal (sedução). A função desta relação é a da origem da sexualidade (dilema de ser sexual); enfim, a

3) profantasia de castração, cujo enigma é esse quantum libidinal que se realiza no seio de um grupo onde o pai seria instaurador de proibições e permissões – origem da diferença dos sexos (diferença fundamental do ser humano, já que em tudo o mais o sujeito é semelhante a outro sujeito). O dilema do modelo é a inscrição num grupo para exercer a sexualidade – função do pai.

Os enigmas se desdobram no campo do simbólico. A fantasia/fantasma não seria um produto qualquer do inconsciente, mas uma resposta a um enigma fornecido pela existência de funções contraditórias: função da mãe, função do pai, função da relação. Assim, para Freud, o que se acha representado nas fantasias originárias é a "condição humana" universal. Dessa forma, o simbólico seria constituído pelas condições que regem e determinam a existência do ser humano. Onde o fantasma/fantasia teria uma função imaginária (ilusória) e uma função simbólica (desveladora). A condição humana é particularizada numa história concreta a partir das fantasias e, como o sujeito se realiza em uma circunstância particular, os "fantasmas" se subjetivam. O "fantasma" é histórico e, ao mesmo tempo, ilusório. Dessa dupla vertente que rege toda a formação do inconsciente, a fantasia se estrutura: a) por ser ilusória, aparece como subjetiva (imaginário); b) por ser histórica, aparece na dependência de um universal (simbólico). Assim, a função imaginária cumpre um destino ilusório ou encobridor do "fantasma" e a função simbólica, por sua vez, cumpre um destino ilustrador, desvelador da fantasia. A formulação em imagens das fantasias originais impede de ver os referentes aos quais o dilema remete: dilema da identificação, dilema da libido e dilema do modelo.

O Édipo<sup>9</sup> aparece sob a forma de fantasmas: é um mito ou fenômeno de ordem imaginária, do qual é necessário esclarecer o registro simbólico que o organiza. O Édipo é um mito que articula um grupo de contradições de base: o sujeito se pergunta a quem aderir, a quem eleger como modelo de identificação, a quem eleger como modelo libidinal. O Édipo varia segundo a estruturação social da rede de relações: organização

---

<sup>9</sup> Ibidem, ps. 27-60.

do clã, familiar, tribal etc. O Édipo é a estrutura que rege a passagem do biológico ao erógeno, da natureza à cultura e, assim, a sexualidade transgride a ordem do real.

Para Jacques Lacan<sup>10</sup>, o Édipo estabeleceria dois pressupostos que condicionam a instância subjetiva: a) a existência de sistemas de parentesco, graus variáveis de proibição de incesto e b) a existência de uma linguagem. Assim, o Édipo determinaria o crescimento e o desenvolvimento do sujeito através do social e do estatuto do simbólico, a partir de sua conversão na estrutura inconsciente do sujeito.

Para Lacan<sup>11</sup>, o inconsciente se funda na comunicação e é organizado como uma linguagem – trata-se de uma estrutura "intersubjetiva" porquanto esse inconsciente do sujeito é o inconsciente do Outro. Esse Outro com maiúscula, na verdade, se relaciona com o inconsciente materno – com o discurso do Outro – que seria uma estrutura que se organiza por relações, atuando no sujeito e nele inscrevendo a cultura. A estrutura do sujeito é, então, distribuída em três instâncias, conforme a atribuição original de Freud: o simbólico, o imaginário e o real.

*Rosaria Micela aponta que para Lacan, o simbólico é a ordem da linguagem, ou melhor, a ordem em geral; e corresponde à definição que Lévi-Strauss dá de cultura, segundo a qual a cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, como as regras matrimoniais e a linguagem. O simbólico, para Lacan, é a "história coletiva", pré-existe ao sujeito e o estrutura. Ele é representando pelo pai e toma o lugar do Superego freudiano.<sup>12</sup>*

A concepção de imaginário, para Lacan, é que caracteriza a história singular dos elementos comuns em todo o indivíduo. O imaginário é a individualização de um processo cultural global, afirma a relação entre a cultura social/grupal e a cultura do indivíduo. O imaginário caracteriza a fase pré-edípica, na letra lacaniana, e fundamenta o regime do inconsciente e toda a lógica do processo primário.<sup>13</sup>

A terceira instância – o real – se caracteriza pela oposição entre o sujeito e o inconsciente materno – o Outro – o qual é o informante e o organizador da percepção e do comportamento do sujeito. Nessa fundamentação do sujeito, o Outro é o

---

<sup>10</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. México: Sigla Veintiuna, 4ª ed., 1978, ps. 59-140.

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> MICHELA, Ro op. cit., p. 128.

<sup>13</sup> LACAN, J. Op. cit.

*representante simbólico do pai, é o desejo fundamental da mãe. O sujeito, identificando-se no inconsciente da mãe, é capturado pela estrutura do seu inconsciente e se constitui no desejo do desejo do Outro, enquanto desejo de ser reconhecido.*<sup>14</sup>

Américo Vallejo, ao questionar o lugar da "Verdade" no discurso psicanalítico, faz uma afirmação deveras positiva quanto ao lugar do discurso mítico: "*o saber no lugar da verdade é o mito*"<sup>15</sup>. Essa afirmação diz respeito à sustentação dessa verdade no discurso psicanalítico que formularia, também, a verdade do sujeito do inconsciente, à procura de um lugar – a escritura. Lacan aponta que o sintoma ( $\Sigma$ ) se inscreve no discurso como uma aparência, pois "*a verdade que suporta a aparência é o mito, enquanto o charme do discurso 'caça' o sujeito no mito em que suporta*".<sup>16</sup> O que Lacan afirma é que o mito é a palavra que diz a palavra a – o puro gozo do dizer; o mito na psicanálise, principalmente para Freud, é o Édipo. Para Vallejo, ao pensar aquele gozo do dizer do mito,

*o fantasma é o charme primordial do sujeito; é aquilo do qual o sujeito gostaria de falar mas não pode, porque o fantasma estará ali 'para ser visto' e, enquanto é visto, dá o ser ao sujeito. O fantasma, para Freud e Lacan, é um; e é o fantasma da cena primitiva. O fantasma da cena primitiva fabula aí – num originário lugar de gozo – a implicância pai-mãe na qual o sujeito já está implicado nesse corpo de gozo que é o corpo desejante da mãe que goza da lei do pai.*<sup>17</sup>

Nesse ponto, o que se enfatiza nessa interpretação do Édipo é a castração, a referência ao pai morto-gozo, enquanto que na versão literária, o *Édipo Rei* de Sófocles, o que está privilegiado é o mistério do gozo. Esses dois lugares da verdade remetem a duas posições míticas, posições que escrevem dois sujeitos que ocupam o lugar da verdade. No tocante ao gozo do sujeito do discurso psicanalítico, Vallejo aponta que

*o acesso ao gozo põe a fragilidade do sujeito e restitui o sujeito à sua origem mítica; essa é em Lacan a forma de voltar miticamente ao nome de Freud como origem engendradora de seu próprio discurso.*<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> MICHELA, R. Op. cit., p. 129.

<sup>15</sup> VALLEJO, Américo. "O lugar da verdade no discurso psicanalítico"o In *Cadernos de Psicanálise, Arte e Literatura*. São Paulo; Cortez, s/d.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 53

As relações da psicanálise com as ciências da linguagem levaram Jacques Lacan a reformular alguns conceitos que, a priori, ajudaram a esclarecer algumas questões pertinentes aos sujeito e, na teoria da literatura, ao emissor/autor do texto literário. Assim, em psicanálise, o sujeito se estabelece sempre no universo do significante, pois o significante define um lugar de cuja confrontação com outros se instaura o sentido – que seria a última fonte de materialidade no inconsciente. O significante, nesse caso, quer dizer sempre relação. Assim, os conceitos freudianos de deslocamento e condensação, trabalhados principalmente na *Interpretação dos Sonhos*, adquirem com Lacan uma maior profundidade e analogia com as ciências da linguagem, quando o psicanalista francês os engendra com os conceitos de metáfora e metonímia. Numa sistematização dos conceitos freudianos de simbolização, deslocamento e condensação, tem-se que o sintagma apresenta uma construção de metonímias, deslocando e substituindo um termo por outro; enquanto ao nível do paradigma prevalecem os deslocamentos e é da reunião de um deslocamento com outro que surge a condensação. Por isso Lacan afirma que

*é preciso definir a metáfora pela implantação numa cadeia significante, de um outro significante pelo qual aquele que este suplante cai na posição de significado e, como significante latente, perpetua ali o intervalo onde uma outra cadeia significante pode ser enxertada.*<sup>19</sup>

Ou ainda: "*a metáfora se coloca no exato ponto em que o sentido se produz no não-senso*".<sup>20</sup> Já o processo metonímico implica uma substituição de significantes que têm entre si relações de contigüidade. Para a psicanálise lacaniana, a necessidade ou falta de ser em sua relação como objeto (que lhe falta) se inscreve no significante, mas num significante parcial, portanto metonímico (a parte pelo todo). É investida pelo desejo que se esforça por cobrir a falta, remetendo para um significante associado, complementar.

Antônio Sérgio Mendonça, ao abordar o poema de Carlos Drummond de Andrade, "*Pedra no Caminho*", fala que a "pedra no caminho" se inscreve como um enigma que se organiza como presença do simbólico.<sup>21</sup> O enigma representa a ocultação diante da verdade e seria (a pedra) a mesma ocultação que a língua impõe à linguagem. Dessa

---

<sup>19</sup> Lacan, J. Op. cit.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> MENDONÇA, Antonio Sérgio. *Por uma teoria do simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

forma, a literatura reinverte a ordem do enigma, em vez de ser por ele (enigma) chegada; esta instância imaginária encobre a verdade do código. Por isso,

*se a língua torna o imaginário o habitante de um conjunto vazio, o poema delimita esta estratégia e a põe na ordem real de seus eventos. Mostra o simbólico como aquele que é e o que a língua pretende ser, uma questão permanente à procura de uma resposta. Esta só o artístico lhe dará.*<sup>22</sup>

A linha de investigação psicanalítica no campo da teoria da arte, sobretudo na teoria lacanaiana, tenta superar a concepção cartesiana de sujeito, como também a linha idealista-transcendental, pois o sujeito do inconsciente, ou seja do significante, se institui numa forma excêntrica em relação ao lugar do sujeito cartesiano, que se afirma no postulado do significado. Daí Lacan afirmar que "*je pense où je ne suis pas, donc je suis où je ne pense pas*". Então, o texto literário/mítico se inscreve dentro da problemática do sujeito – sujeito que se constrói na produção da "letra" – forma simbólica e referência material do estatuto do "significante", através do qual ir rompe o desejo, fruto do lugar do saber desse sujeito. Octávio Paz, ao relacionar o mito e a poesia no terreno das semelhança, nos afirma que

*o mito não é poema, nem ciência, nem filosofia, embora coincida com o primeiro por seus processos (função poética), com a segunda por sua lógica e com a última por sua ambição de nos oferecer uma idéia do universo.*<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>23</sup> PAZ, Octávio. *Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Exopo*. São Paulo: Elos/perspectiva, 1977. p. 58.